



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17516 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

Movimentos de exterioridade na formação de professores: o discurso acadêmico em registros narrativos do estágio

Mateus Henrique do Amaral - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Adriana Varani - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Agência e/ou Instituição Financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

MOVIMENTOS DE EXTERIORIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O DISCURSO ACADÊMICO EM REGISTROS NARRATIVOS DO ESTÁGIO

Neste texto, apresentamos o recorte de uma pesquisa de doutorado que acompanhou turmas do componente curricular *Práticas de Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, em 2021, no ensino remoto emergencial em decorrência da pandemia de Covid-19, e que tomou como objeto os registros narrativos de estudantes da Pedagogia. Entre os diferentes temas que emergiram do trabalho, focalizamos aspectos da construção discursiva que marca a experiência singular das estudantes nas escolas de educação básica, especialmente no que se refere ao uso de citações e referências em seus registros.

As reflexões se orientam por uma compreensão dialógica e constitutiva da linguagem e do texto enquanto elo em uma cadeia de comunicação discursiva, circunscrito em esferas de atuação humana (Bakhtin, 2016). Esferas que, além de chamar a atenção para a diversidade de manifestações culturais que “adquirem um valor relativo no domínio em que são produzidas (literatura, ciência, religião, mídia, educação, etc.)” (Grillo, 2018, p. 156), constituem-se como *índices de refração* dos dizeres, os quais, ao entrarem em contato com outros discursos em circulação em determinado domínio, ganham um modo singular de interpretação do real.

Entendemos, então, que há diversas marcas nos registros que os articulam à sua esfera de produção, qual seja o campo acadêmico-científico. Essas marcas vão desde a construção composicional, o estilo e o conjunto de temáticas abordadas (Bakhtin, 2016) nessas materialidades, até a *heterogeneidade constitutiva e mostrada* (Authier-Revuz, 1990), por meio de citações ou inserção de referências consultadas.

Aqui, sublinhamos as maneiras que, em suas narrativas, as estagiárias pensam suas vivências voltando-se a citações. Movimento que ocorre na relação com estudos realizados e com a solicitação dos professores orientadores de estágio para ampliação das reflexões nos textos escritos, com o objetivo de relacioná-las com princípios e produções estudadas ao longo do curso. Nesse sentido, na formação inicial, o estágio potencialmente se configura como *espaço privilegiado de encontro* entre o discurso acadêmico com o cotidiano das escolas, viabilizado pela voz das estudantes nas escritas.

Para pensar o diálogo com produções acadêmico-científicas nos textos das estagiárias, partimos das contribuições de García Negroni (2008), com o intuito de refletir a *exterioridade* assumida pelas estagiárias em relação às citações que integram os seus registros. Essa autora realça as formas que o locutor (autor) constrói representações do que diz a partir do uso de aspas, citações diretas, itálico e glosas enunciativas (comentários), no discurso acadêmico-científico. Quer dizer, destaca como o sujeito marca a *heterogeneidade constitutiva* (Authier-Revuz, 1990) do seu texto e quais posições assume em relação a ela, seja de aderência, discordância, ou contraposição. No caso das estagiárias, esse movimento assume particular importância, considerando a defesa da formação de professores centrada na universidade e do espaço acadêmico-científico como marca constitutiva da profissionalização docente.

O *corpus* da nossa investigação é composto por 125 produções escritas das estagiárias. Dada a limitação do presente texto, selecionamos excertos de duas produções:

Chegamos ao aniversário de 1 ano do primeiro fechamento da escola, e parece que (nesse contexto privado) a única coisa que mudou foi a distância entre as carteiras e o rosto das pessoas, que agora fica parcialmente coberto por uma máscara de proteção. De resto, aparentemente tudo segue: temos os livros didáticos cheios de páginas que devem ser preenchidas até certo prazo, temos avaliações e temos cobranças. Mas o que quase ninguém fala é o que temos dentro de nós, a dor das perdas, a saudades do “normal”, o imenso medo do irreparável, o genocida que guia as ações. E há um motivo para que isso não seja comentado. Um motivo mais do que nunca político. E não se deve falar disso na escola, pois cada família tem o seu posicionamento... e isso pode causar conflitos.

Pensei exatamente no texto da Terezinha Rios quando ela fala da ética no trabalho docente e o policiamento que isso envolve: “O trabalho pedagógico se realiza num espaço e tempo político, no qual transita o poder, configuram-se acordos, estabelecem-se hierarquias, assumem-se compromissos.” (2008, p. 79). Penso também o quanto político é o nosso silêncio. Seja ele opcional ou imposto. E o quanto o não falar constrói

também o imaginário dos educandos.

(Excerto 1 – Miriam, 2021)

Percebo que minha experiência com o estágio, para me consolidar como futura professora, me proporciona essa necessidade de manter a prática e a teoria caminhando juntas. Me pego diversas vezes pensando como era a minha realidade quando estudante e como devo desenvolver minha atuação, com os conhecimentos que venho adquirindo na graduação. Não podemos agir somente por puro hábito ou rotina, ou responder às crianças que algo é assim porque sim, ou nos conformar com certas situações. As dúvidas nesse percurso são necessárias, pois, através delas, que acontece toda a movimentação, o processo de criação, descobertas e invenções, em busca das respostas. Logo, “O ideal na nossa formação permanente está em que nos convençamos de, e nos preparemos para, o uso mais sistemático de nossa curiosidade epistemológica” (FREIRE, 1997, p. 70).

(Excerto 2 - Lúcia, 2021)

Nos excertos, ambas as estudantes resgatam textos lidos nas aulas de orientação de estágio. Miriam (os nomes são fictícios) destaca as discussões de Rios (2008) sobre as dimensões ética e política do trabalho pedagógico, o que fundamenta suas reflexões acerca do *não-dito* (o silêncio). Já Lúcia retoma os debates de Freire (1997) para pensar as relações entre teoria e prática pedagógica e realçar a importância de uma contínua reflexão sobre ações que valorizem os processos de criação de alunos e professores.

As estagiárias, ao indicarem a concordância com as ideias contidas nos trechos entre aspas, explicitam a *integração* desses pensamentos, seja sobre a atuação ética docente, ou sobre as relações entre o contexto *concreto e teórico* e a *curiosidade epistemológica* (Freire, 1997). Adriana Bolívar (2005, p. 83; tradução livre) define as *citações integradas* como aquelas “[...] que não interrompem o texto, mas que se colocam entre aspas ou em cursivas e passam a formar parte do discurso do autor”. A *recontextualização* desses dizeres alheios é feita a partir de inserção de glosas metaenunciativas (comentários) que atencem ou complementam os trechos inseridos pelas estudantes da Pedagogia. Por meio disso, elas manifestam a construção de um olhar singular para situações vivenciadas nas escolas o qual remete a posicionamentos acerca da (futura) atuação profissional.

Palavras-chave: Formação de Professores; Estágio Curricular; Registro Narrativo.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) discursiva(s). *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, p. 26-42, jul./dez. 1990.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 11-69.

- BOLÍVAR, A. Tradiciones discursivas y construcción del conocimiento en las humanidades. *Signo y seña*, Buenos Aires, n. 14, p. 67-91, abr. 2005.
- FREIRE, P. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Editora Olhos d'Água, 1997.
- GARCÍA NEGRONI, M. M. Os modos de dizer do sujeito no discurso acadêmico. In: MICHELETTI, G. (Org.). *Enunciação e Gêneros Discursivos*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 92-121.
- GRILLO, S. V. de C. Esfera e campo. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 133-160.
- RIOS, T. A dimensão ética da aula ou o Que Nós Fazemos com Eles. In: VEIGA, I. P. A. (Org.) *Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas*. Campinas: Papyrus, 2008. p. 73-93.